

Macabéa

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI

João Vitor Xavier dos Santos

UEM

 0000-0002-9971-7671

Fernanda Favoro Bortoletto

UEM

 0000-0002-2587-1828

MACHO QUER MACHO

O DISCURSO DA
MASCULINIDADE NO
GRINDR

MALES WANTS MALES

THE MASCULINITY
DISCOURSE ON GRINDR

Como citar

SANTOS, J. V. X. dos; BORTOLETTO, F. F.
Macho quer macho; o discurso da masculinidade
no Grindr. **Macabéa – Revista Eletrônica do
Netlli**, Crato, v. 13, n. 2, p. 78-95, jul.-set. 2024.



RECEBIDO EM 21/06/2024
APROVADO EM 18/09/2024

Abstract: In this work, we intend to look at a selection of statements produced on the app for homosexual relationships between men, Grindr, from which we are interested in understanding the discourses on masculinity, or masculinities, that are manifested in the materiality of the statements produced by the subjects of discourse that correspond to the users of the app. To guide our work, we will follow the procedures of a discourse analysis guided by the ideas of philosopher Michel Foucault (1999, 2008, 2013), from whom we will borrow concepts such as discourse, statement, power and truth. Furthermore, we will create a dialogue with queer theorists Judith Butler (2003 and 2004) in her analysis about gender and Richard Miskolci (2017) in his work about relationships between men in the digital environment.

KEYWORDS: Discourse. Power. Truth. Gender. Queer Theory.

Resumo: Neste artigo, pretendemos nos debruçar sobre uma seleção de enunciados produzidos no aplicativo para relacionamentos homossexuais entre homens Grindr, a partir deles nos interessa entender os discursos sobre a masculinidade, ou sobre as masculinidades, que se manifestam na materialidade dos enunciados produzidos pelos sujeitos do discurso que correspondem aos usuários do aplicativo. Para guiar nosso trabalho, seguiremos os procedimentos de uma análise do discurso guiada pelas ideias do filósofo Michel Foucault (1999, 2008, 2013), do qual emprestaremos conceitos como discurso, enunciado, poder e verdade. Mais além, criaremos um diálogo com a teoria queer, em especial, com a filósofa Judith Butler (2003 e 2004) e com o sociólogo Richard Miskolci (2017). Do último nos interessa seu trabalho sobre relacionamentos entre homens no meio digital e de Butler acionaremos suas reflexões a respeito do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Poder. Verdade. Gênero. Teoria Queer.



Copyright (c) 2024 João Vitor Xavier dos Santos e Fernanda Favoro Bortoletto

Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

1 INTRODUÇÃO

Na influência dos avanços tecnológicos e sociais, tornam-se cada vez mais comuns aplicativos e sites voltados a criar redes de socialização online. Conexões iniciadas de forma digital por meio de redes sociais (Instagram, X, FaceBook etc) ou de sites e aplicativos de relacionamento que, de forma mais direta, buscam conectar os usuários (Tinder, Happn, Bumble, Hornet etc), podem ou não deixar o meio digital, mas, pouco a pouco, torna-se inegável a presença dessas plataformas no nosso dia a dia e a influência dela nas novas formas de se relacionar.

Nesse sentido, a comunidade LGBTI+, assim como outras parcelas da sociedade, também vê suas formas de relacionamento sendo perpassadas por essas novas configurações digitais, especialmente, levando em consideração que existem diferentes aplicativos voltados especificamente a esse grupo social (Wapa, Hornet, Scruff, entre outros), como o que ajuda compor nosso corpus.

Ao refletir disputas e embates presentes nas interações sociais fora do meio digital, em determinados momentos intensificando ainda mais os embates, torna-se necessário refletir sobre as manifestações discursivas enunciativas nessas plataformas, que ilustram os poderes que atuam na e pela parcela social que corresponde à comunidade LGBTI+. Porém, não apenas em relação aos discursos que vêm de fora da comunidade em questão, mas também as disputas internas a ela. Tendo isso em mente, nesta pesquisa, nos debruçamos sobre os perfis de usuários do aplicativo Grindr.

O sociólogo Richard Miskolci, em sua pesquisa que originou o livro **Desejos Digitais** (2017), trabalho desenvolvido durante anos e que acompanhou as transformações das relações entre homens homossexuais e a influência das mudanças tecnológicas nelas, argumenta:

o serviço comercial dos aplicativos acena com o que antes era praticamente impossível: buscar um parceiro do mesmo sexo sem se expor no espaço público, ou seja, sem temor, vergonha e, fato a ser sublinhado, sem ter que reconhecer a si mesmo como parte do segmento homossexual. O chamado “meio gay”, tido por muitos homens como um espaço físico contaminado e contaminante, parece se encerrar em uma geografia evitável (Miskolci, 2017, p. 93).

Notamos que os aplicativos e os bate-papos on-line, por onde se iniciou a pesquisa do autor, surgem como uma alternativa para a manutenção do desejo homossexual como aquele que deve se manter escondido dos olhos reguladores e permitem que o próprio sujeito homossexual em uma prática de governo de si evite a poluição de ver-se como homossexual. Ou seja, ao não frequentar o “meio gay” o indivíduo consegue se enxergar como “menos gay”, uma prática que ainda se mantém, como veremos mais adiante. Sobre este processo de higienização dos desejos, Miskolci diz haver uma

privatização do desejo homossexual. O match substituiu o flerte, individualizando e higienizando os contatos. Os “fora do meio”, os “machos”, aqueles que não “miam” e nem são “afeminados” pedem “bom senso” e distância aos que a eles não se assemelham (Miskolci,

2017, p. 110).

Nesse sentido, buscamos identificar no uso desse aplicativo uma tentativa de afastar-se do corpo degenerado, colocando-se dentro do aceitável. Escolhemos o aplicativo Grindr, dentre os muitos disponíveis com o mesmo propósito, ao identificarmos a maior popularidade do mesmo na região onde nossa análise foi conduzida. Sobre ele, Joel Simkhai, seu criador, “explica sua ideia para o aplicativo como a resposta tecnológica para a questão: ‘como encontro outros gays?’” (Miskolci, 2017, p. 294). Torna-se notável que o aplicativo surge como uma alternativa tecnológica para garantir que o desejo homossexual continue a acontecer nos guetos sociais, longe da vista.

A seleção dos 100 perfis que seriam analisados aconteceu de forma aleatória, fazendo-se necessário utilizar o recurso que o aplicativo fornece para limitar as buscas de perfis, para, assim, conseguir delimitar o montante que compõe nosso corpus. Realizamos a análise por meio de *prints* (imagens capturadas da tela de um celular ou computador) feitos através do celular, os quais foram realizados em um determinado momento: às 20 horas e 34 minutos do dia 13 de março de 2021, e em um determinado local: região da Zona 7, na cidade de Maringá no estado do Paraná. Ademais, o número de perfis analisados foi delimitado pela quantidade de perfis disponíveis na versão gratuita do aplicativo, especificamos a posição geográfica e o momento em que o material foi coletado, pois os perfis que aparecem disponíveis para os usuários variam conforme a localização e o horário de acesso.

Dentro de nosso corpus, identificamos 59 perfis que, de alguma maneira, corroboram para a análise discursiva que nos propomos; dentre estes, 35 por meio de enunciados materializados linguisticamente e 24 apenas pelo uso de imagens. Sobre a propagação do discurso e das delimitações do corpo considerado masculino através de imagem, Gabriela Zanin Kronka (2002), ao analisar capas da revista *G Magazine*, discorre sobre a construção do corpo desejado dentro da ideia da verdade sobre o ser homem. Tratando sobre como essa reprodução se dá por meio de imagens, a autora detalha sobre as partes do corpo que precisam ser valorizadas na imagem e outros pontos de composição imagéticas relevantes que nos permitem identificar quais as usadas por esses usuários como pertencentes a esse discurso. Contudo, para o recorte de nossa pesquisa que aqui será apresentado, nosso foco girou em torno dos elementos textuais recolhidos deste corpus.

Nas próximas seções trataremos da teoria de análise do discurso foucaultiana e de aspectos da teoria *queer* que serviram como norte de nossa análise.

2 DISCURSO E PODER

Em **Arqueologia do Saber** (2008), Foucault define o discurso como

um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história (Foucault, 2008, p. 132-133).

Assim, compreende que o discurso se dá por:

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 2008, p. 133).

Partindo da conceituação apresentada pelo autor, buscamos compreender quais os discursos que perpassam os enunciados aqui analisados, quais as regras de formação discursiva que permitem que eles existam, que garantem sua manutenção e coexistência (Foucault, 2008). Mais além, é importante salientar que

para que uma sequência de elementos linguísticos possa ser considerada e analisada como um enunciado, é preciso que ela preencha uma quarta condição: deve ter existência material. [...] Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade (Foucault, 2008, p. 112-114).

Por isso, tomamos como local de partida de nossa análise a materialidade dos enunciados selecionados, sempre levando em consideração as condições que compõem essa materialidade.

Ademais, consideramos e buscamos compreender, quais são as forças de poder que se chocam e regulam o que pode ou não ser dito por estes sujeitos do discurso. Tendo em vista que a subjetividade desse sujeito é formada, como argumenta Foucault (2013), através das diferentes forças que o perpassam, assim também é o enunciado por ele produzido atravessado por diferentes discursos e estabelecendo relações com outros enunciados (Foucault, 2008).

Contudo, é importante tratar sobre esta suposta regulação exercida pelo poder. Para Foucault, é preciso entender o poder não como repressivo, mas, sim, como produtor e é este caráter que garante sua manutenção.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (Foucault, 2013, p. 8).

Neste sentido, estando os sujeitos localizados nas malhas do poder, eles não são alvos dele, mas “centros de transmissão”, elos na cadeia do poder reproduzindo-o (Foucault, 2013, p. 284). Dessa maneira, algumas das perguntas norteadoras de nosso trabalho são: Quais discursos são reproduzidos por esses sujeitos? Qual a verdade por trás das formações discursivas aqui tratadas?

Neste momento, faz-se necessário introduzir o debate sobre a verdade na obra foucaultiana. Em **Microfísica do Poder** (2013), Foucault nos diz que as diversas sociedades têm diferentes regimes de verdade, em cada um deles existem diferentes discursos aceitos como verdadeiros a partir de mecanismos díspares que possibilitam a

distinção entre os discursos verdadeiros e os falsos. Portanto, “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade” (Foucault, 2013, p. 11).

Dessa forma, o poder através dos discursos cria os limites os quais Foucault chama de o “corpo da sociedade”, o qual é, também, protegido por esses. Uma relação mantida por meio da exclusão dos degenerados, promovendo uma estratégia higienista executada pelos discursos médicos, jurídicos, econômicos, entre outros. Sobre o corpo social, o filósofo afirma:

Eu acho que o grande fantasma é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades. Ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos (Foucault, 2013, p. 82).

Pensando sobre a suposta existência de um corpo social universal e, por consequência, na criação dos degenerados, recorreremos, também, aos conceitos criados pela antropóloga Mary Douglas, em seu trabalho **Purity and Danger**, de pessoa poluidora e forças poluidoras. Esses conceitos são visitados por Judith Butler (2003):

[...] forças poluidoras inerentes à própria estrutura das ideias e que punem a ruptura simbólica daquilo que deveria estar junto ou a junção daquilo que deve estar separado. Decorre daí que essa poluição é um tipo de perigo que só tende a ocorrer onde as fronteiras da estrutura, cósmicas ou sociais, são claramente definidas.

Uma pessoa poluidora está sempre errada. Ele [sic] desenvolveu uma condição errada ou simplesmente ultrapassou alguma fronteira que não deveria ter sido ultrapassada, e tal deslocamento representa perigos para alguém (DOUGLAS *apud*. BUTLER, 2003, p. 188-189).

Sobre a manutenção e controle dessas pessoas poluidoras, Foucault trata das estratégias de vigiar e punir. Em **Microfísica do Poder**, debate sobre a ideia do “olho do poder”, para o filósofo, uma das mais eficazes técnicas de controle produzidas na modernidade é o olhar, o qual em sua vigilância expõe as transgressões garantindo suas punições. Controle que não é apenas externo, mas que, ao atravessar os sujeitos, torna-se uma estratégia, também, interna.

Sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo. Fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório (Foucault, 2013, p. 120).

Isto posto, trataremos, agora, especificamente dos discursos que garantem a manutenção da cis-heteronormatividade como uma categoria compulsória (utilizamos o sufixo “cis” nesse contexto buscando salientar a oposição *cis* – *trans* em contrapartida a ideia do *trans* como o outro do “normal”). Para isso, na seção que se segue,

debateremos de forma mais ampla sobre os discursos e a verdade que criam os limites da sexualidade e do gênero e, conseqüentemente, colocam o status de pessoa poluidora sobre aqueles que ameaçam o sistema.

3 DISCURSOS E A CIS-HETERONORMATIVIDADE

Definir a cis-heteronormatividade como um sistema compulsório é entender que existem discursos que possibilitam e sustentam esse sistema, sendo por meio deles reproduzidos. Para isso, tais discursos criam os limites do que é considerado “normal” como pertencente a esse sistema, deixando, assim, o que está fora dele no campo da impossibilidade, do irreal (Butler, 2004). Em sua obra **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, a filósofa Judith Butler (2003) trata dessa compulsoriedade e da ligação dela com o dispositivo sexo – gênero (o qual marca a relação direta entre a suposta oposição sexual masculino e feminino com a construção do gênero).

A instituição de uma [cis]heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (Butler, 2003, p. 45-46).

Nesse sentido, o desejo heterossexual normalizado e basilar desse sistema compulsório solicita a existência obrigatória dos gêneros binários, claramente definidos e construídos pela oposição. Para a filósofa Simone de Beauvoir a categoria mulher é designada como o Outro, o negativo, do homem (Beauvoir *apud* Butler, 2003). Isto posto, aqueles que, por algum motivo, desafiam os limites discursivamente construídos do masculino e do feminino tornam-se um risco à normalidade, vista a necessidade de que os sujeitos se construam de acordo com os padrões de homem e mulher para assim perpetuar a reprodução desse discurso.

Para Butler (2003), o gênero é uma performance, ou seja, o reconhecimento como pertencente a um gênero se dá através de uma construção por meio de “atos performáticos”. Nessa perspectiva, Foucault trata dos discursos que regulam o corpo, como observamos a seguir:

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 2013, p. 83).

Assim, ao criar os limites do corpo, formam-se, também, os limites do gênero e das performances do gênero, mas, conjuntamente, surgem as possibilidades de

resistência a esse poder que, por conseguinte, cria novas estratégias de higienização da estética corporal.

Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimação: "Fique nu..., mas seja magro, bonito, bronzeado!" (Foucault, 2013, p. 83).

Compreende-se, então, que o poder, ao agir sobre o corpo, delimita como deve ser expressa a performance de gênero perpassado e sustentado por um discurso médico que durante séculos relacionou de forma arbitrária gênero e sexo (BUTLER, 2003) e, mais além, pelo discurso psicanalítico de patologização do corpo poluidor. Lembramos que apenas em 2018 foi retirada a transgeneridade da lista de doenças mentais pela OMS¹, contudo, é inegável que até os dias atuais corpos que fogem dessa performance "normal" são tratados como corpos doentes.

Chegamos no momento em que é preciso tratar sobre a relação hierárquica entre os gêneros. É possível compreender através da história como as relações internas desta categoria são construídas de forma hierárquica. Dessa forma, existe um poder que delimita a dominação do homem sobre a mulher.

Sobre o poder, Foucault afirma:

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 2013, p. 138).

Concluimos que esta hierarquia é parte fundante na manutenção do sistema da cis-heteronormatividade e, por isso, estende-se para além das relações heterossexuais na tentativa de garantir sua sobrevivência. Para o antropólogo Peter Fry,

[...] a relação entre homens e bichas [viados, afeminados] é análoga à que se estabelece entre homens e mulheres no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados, (FRY, 1982, p. 90).

Tendo isto em vista, na próxima seção deste trabalho, buscamos entender como a verdade que garante a cis-heteronormatividade compulsória, os discursos que delimitam o corpo normal e o discurso hierárquico do gênero se apresentam em enunciados de homens gays e bissexuais no corpus selecionado.

4 NÃO SOU E NÃO CURTO AFEMINADO

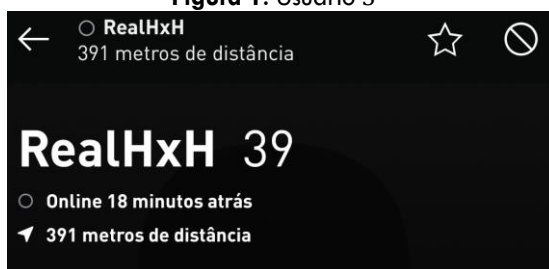
Para compor o corpus desta pesquisa, selecionamos 100 perfis de usuários do aplicativo de relacionamento *Grindr*, que, como já mencionado, é popular entre o

¹ A retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental foi oficializada na 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID), passando a ser classificada como "incongruência de gênero" (CFP, 2019).

público homossexual e bissexual da região em que o estudo foi realizado. De modo a fazer um recorte conciso, trataremos, neste momento, sobre apenas 12 exemplos coletados no decorrer da pesquisa. Acreditamos que as ocorrências elegidas para compor essa análise representam de forma efetiva os discursos e as relações de poder que buscamos reconhecer. Para identificá-los, utilizaremos uma numeração aleatória e genérica, iniciando desde o Usuário 1 até o Usuário 100.

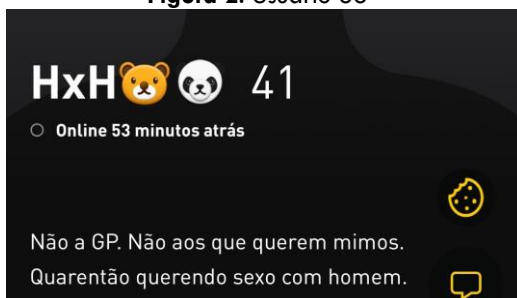
Quando nos debruçamos sobre os 100 exemplos selecionados, um elemento recorrente notado foi a utilização de símbolos e códigos linguísticos e extralinguísticos. Tais recursos nos chamam atenção e exemplificamos a seguir:

Figura 1. Usuário 3



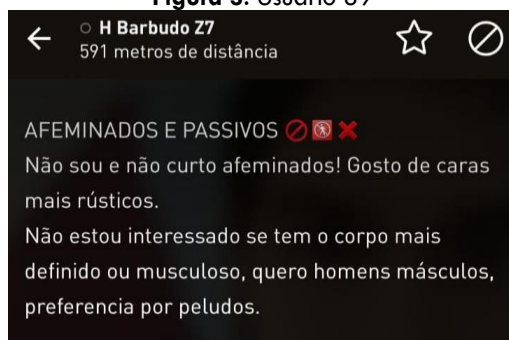
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 2. Usuário 88



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 3. Usuário 89



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Além do uso de *emojis*² que manifestam, de certa forma, a representação de uma masculinidade hegemônica, encontramos a utilização frequente da letra “H”. Por meio de um olhar mais atento sobre enunciados, como os apresentados no exemplo acima, percebemos que essa letra se torna um código para a palavra “homem” e seu

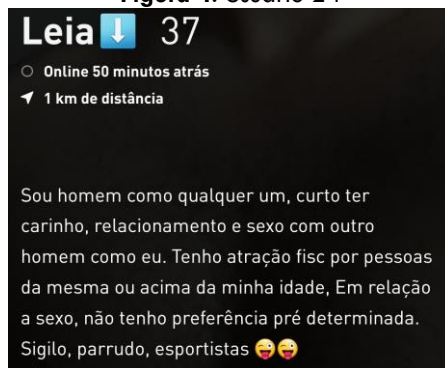
² Segundo o dicionário *Priberam*, os *emojis* são ideogramas ou símbolos gráficos utilizados para a expressão de emoções no meio virtual.

uso grafado em letra maiúscula nos permite criar uma relação com o ditado popular “ele é um homem com H maiúsculo”.

Com essa relação, percebemos a presença de um discurso que sinaliza uma hierarquia dentro da própria categoria masculina. A existência de um “homem com H maiúsculo” está sujeita a presença de um outro que é um “homem com h minúsculo, sendo assim, menos homem.

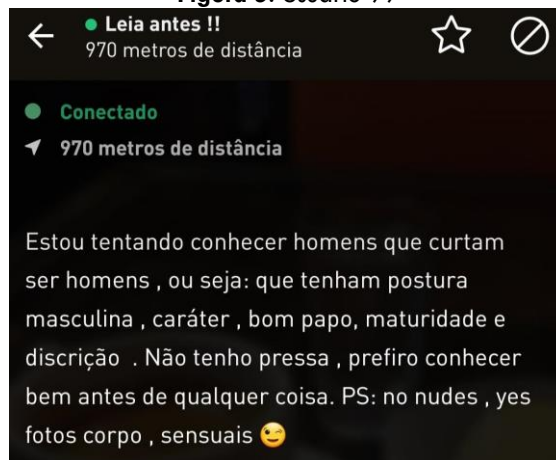
A existência de um homem verdadeiro, também, apresenta-se de outras formas nos enunciados selecionados:

Figura 4. Usuário 24



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 5. Usuário 99



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Percebemos nestes enunciados a reprodução da ideia de um homem verdadeiro pela frequência no uso do vocábulo “homem”. O uso deste nos chama atenção ao refletirmos sobre a necessidade de se afirmar como homem em um aplicativo criado e voltado para relações homossexuais entre homens. A partir do início da descrição do usuário 24, constatado na figura 4, lemos: “Sou homem como qualquer um...”. Sua escrita ocasiona o levantamento de questionamentos sobre: O que é um homem como qualquer um? Seu perfil demonstra a reprodução de um discurso essencialista sobre o sujeito homem, que, por meio de enunciados como esses, reproduzem a verdade de um ser homem intrínseco ao sujeito. Discurso que se mostra diretamente ligado ao sistema sexo – gênero, proveniente de um discurso médico, como já mencionado.

Nesse sentido, é importante pensar sobre a constituição como sujeitos do discurso de indivíduos LGBTI+, em especial, em nosso trabalho, os homens gays e bissexuais, que se dá por meio das disputas por espaço, sejam elas internas ou externas à comunidade LGBTI+. A identificação como pertencente a essa comunidade, como gay, como bissexual e como homem acontece por meio da identificação com determinadas práticas que permitem ao sujeito se colocar como parte de um grupo e como fora de outro.

Esse é um processo que, apesar de apresentar singularidades, se constrói em uma relação com forças da história, da memória e das relações de poder. Assim, quando os sujeitos analisados neste trabalho se qualificam ou são qualificados como gays, afeminados, Homens ou machos, não há referência a algo que seja intrínseco a eles, mas, na verdade, tratam-se de formas de classificá-los. Tais formas são resultados de uma construção discursiva que, além de constituir objetos, dá valor a eles, positiva ou negativamente.

O usuário 88, como visto na Figura 2, define-se como: “Quarentão querendo sexo com homem”, descrição que se destaca, tendo em vista a reafirmação do desejo sexual com um homem em um aplicativo que, como sabemos, é utilizado por homens. Mais além, percebemos que na Figura 5, o usuário 99 denota: “Estou querendo conhecer homens que tenham postura masculina”, convoca a ideia da existência de homens que são “mais” ou “menos” homens. Sua fala sugere uma busca por homens com uma postura que transpareça um tipo de masculinidade, em contraposição com a existência de homens que não teriam uma “postura masculina”.

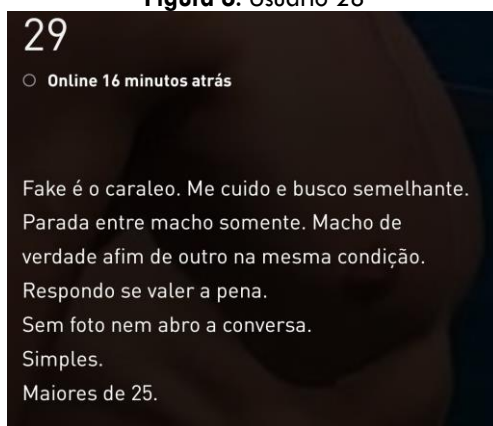
Discursos como o citado na Figura 2, mostram que, na sociedade, não é qualquer homem que pode ser colocado no lugar de objeto de desejo, mas, sim, aquele que carrega em si a verdade do ser homem, uma verdade ligada intimamente com uma verdade sobre o gênero e com a perpetuação da cis-heteronormatividade como um sistema compulsório. Observamos, ainda, a presença da ideia de um “homem de verdade” ou, como veremos em exemplos mais adiante, “Macho de verdade” (usuário 28, Figura 6).

Alguns vocábulos e expressões nos dão pistas sobre o que constituiria esse Homem que é objeto de desejo. Um exemplo deste fato é no discurso do usuário 89 (Figura 3), que afirma gostar de caras “rústicos”, “másculos” e “peludos”. Outra ilustração seria quando o usuário 99 (Figura 5), logo após expressar seu desejo por homens que tenham uma “postura masculina”, descreve o que constitui essa postura: “caráter, bom papo, maturidade e discrição”. Esses exemplos sugerem algumas características de uma ideia hegemônica de masculinidade: a ideia do homem como mais rústico em comparação à mulher, que deveria ser mais suave e delicada; ou a presença de pelos corporais, que representam um sinal desse homem ou “Homem com H maiúsculo”, como escolhemos chamar aqui.

Faz-se claro, então, a abjeção desse “menos homem” e seu potencial de, resistindo aos poderes que atuam sobre esses sujeitos, desafiar os limites da verdade sobre a masculinidade, colocando-o como o não-desejado. Ao mesmo tempo, percebemos a necessidade de reafirmação como Homem com uma reiteração de sua suposta superioridade. Assim, ele utiliza seu “olho do poder”, como já debatido anteriormente, para negar aqueles que são “menos homens” e, com isso, também acaba necessitando dessa relação outro vs. Outro para se afirmar.

Outro termo recorrente, além dos já citados, é o vocábulo “macho”.

Figura 6. Usuário 28



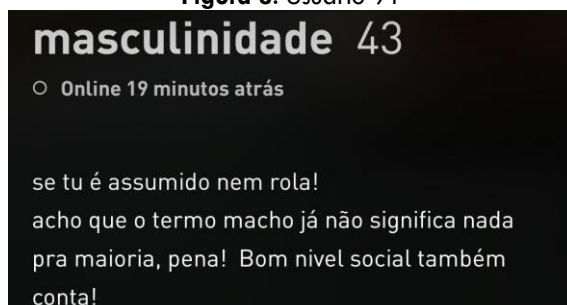
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 7. Usuário 83



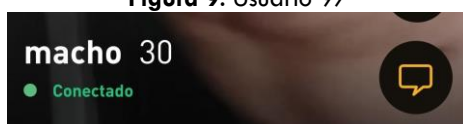
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 8. Usuário 91



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 9. Usuário 97



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Ao analisarmos os enunciados destacados percebemos a recorrência da palavra “macho”, por isso é preciso pensar sobre o que ela significa. Constatamos na Figura 6, a fala do usuário 28: “Macho de verdade afim de outro na mesma condição [sic]”. O conteúdo de sua descrição abarca a ideia já trabalhada aqui de um ser homem ou macho “de verdade”, entretanto, outro ponto que ressaltamos é a busca de “outro na mesma condição”, que parece reafirmar a negação deste “não macho”. O usuário 28 não apenas quer um Homem como objeto de seu desejo, ele também quer ser colocado

na posição de Homem e afastar de si da forma mais eficaz possível a figura dessa pessoa poluidora que representa uma ruptura com a masculinidade, com o sistema sexo-gênero e com a relação hierárquica dos gêneros.

Existe aí a expressão do desejo de não se deixar contaminar pela pessoa poluidora proposta por Mary Douglas (Douglas *apud*. Butler, 2003). O sujeito não deseja ser a pessoa poluidora, nem tê-la como seu objeto de desejo, visto que, colocar essa pessoa negativa ou “menos homem” no lugar de objeto de desejo, pela perspectiva da cis-heteronormatividade, representa uma quebra no próprio discurso da homossexualidade masculina.

Dentro desse discurso, então, há a censura de homens “de verdade” se relacionarem com um não-homem ou menos-homem. E para que homens “ másculos”, “peludos” e “machos” tivessem relações interpessoais com os “não-homens”, seria necessária a aceitação de uma pluralidade na ideia do que é ser homem, não se atendo somente aos moldes que a figura do Homem parece invocar socialmente. Contudo, admitir a existência de uma pluralidade de gêneros e expressões de gênero iria contra o sistema compulsório da cis-heteronormatividade, que reproduz uma verdade própria sobre a figura do homem e, aqui, notamos que influencia e repercute nos enunciados dos sujeitos gays e bissexuais analisados.

A busca por um homem similar pertencente a esta realidade referencial de masculinidade também é observada na Figura 7, com a constatação de um sujeito (usuário 83) que, logo no título de seu perfil, apresenta este desejo: “Macho x macho”. O uso desta palavra suscita a reflexão do emprego do termo enquanto um sinônimo de homem. No entanto, percebemos que este não seria qualquer homem, mas, sim, do Homem. Julgamos interessante a escolha de um vocábulo comumente ligado a um discurso médico, em especial, quando pensamos sobre como historicamente esse é um enunciado que ainda aparece ligado a reprodução do sistema sexo-gênero.

A afirmação do usuário 91, na Figura 8, “o termo macho já não significa nada pra maioria, pena!” nos leva, em um primeiro momento, a relacionar seu lamento com a teoria de Douglas (Douglas *apud*. Butler, 2003), sugerindo que existe uma espécie de poluição que estaria contaminando os homens que antes eram “machos”. Além disso, a reclamação traz à tona a existência desses que se colocam fora da masculinidade que esses enunciados parecem buscar reproduzir. A partir do que é dito, é possível inferir a existência de significações outras para a palavra “macho” que estão sendo acessadas e criadas nesse espaço, o que ilustra a proposição de Foucault: “lá onde há poder há resistência” (Foucault, 1999, p. 91). Ou seja, a criação do poder do que seria um Homem, engendra, também, a possibilidade do surgimento de resistências na figura de outros ser-homem que desafiam os discursos e as verdades que buscam se reproduzir nesses enunciados.

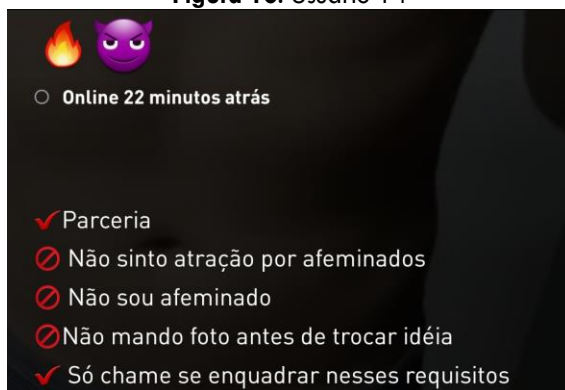
Notamos que o acionamento deste discurso já no título dos nomes de perfil é algo recorrente, como vimos nos usuários 91 e 97 (Figuras 8 e 9). Refletimos, agora, sobre o uso desta reafirmação logo no início do nome de perfil dos usuários do Grindr e sobre as construções discursivas que permitem esses sujeitos do discurso a utilizar estes enunciados e não outros. Ao estudarmos o aplicativo, notamos que o campo que aqui chamamos de título é nomeado de “nome de exibição”, o que nos leva a crer que o objetivo inicial deste campo é o de exibir um nome que servirá como identificação ao usuário. Assim, os usuários mencionados escolheram seus nomes de perfil de acordo com

a maneira como querem ser identificados pelo público do aplicativo. Em vista disso, percebemos novamente a reafirmação da vontade de ser reconhecido como Homem ou como macho, dentro da figura evocada por essas palavras nessa formação discursiva.

Na análise que fizemos até o momento, esclarecemos a reprodução do discurso da cis-heteronormatividade, da hierarquia de gênero e da verdade que define o sistema sexo-gênero como o real. Pensaremos, neste momento, sobre como esta hierarquia citada comprova-se na negação do chamado “afeminado”. A palavra em questão é a forma do particípio do verbo “afeminar”, o qual, segundo o dicionário online Michaelis, significa: “1 Perder ou fazer perder determinados traços de masculinidade 2 Tornar(-se) frágil; acovardar(-se), amedrontar(-se) 3 Apresentar comportamento semelhante ao da mulher” (Michelis).

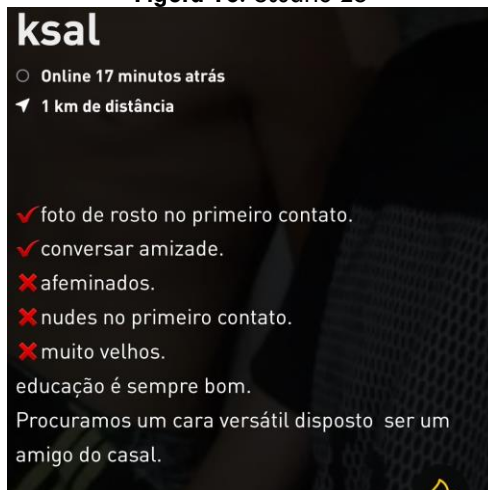
A seguir, apresentamos perfis do aplicativo estudado que utilizam o termo, ou derivados, como “afem”:

Figura 10. Usuário 14



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 10. Usuário 25



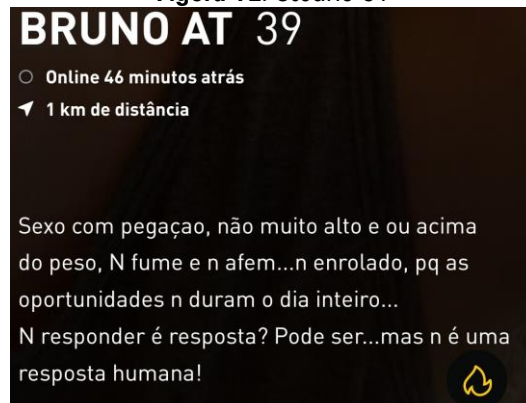
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 11. Usuário 53



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Figura 12. Usuário 31



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Todas as imagens anteriores apresentam perfis de usuários que rejeitam totalmente a figura do homem afeminado e, a partir da reflexão dessa realidade em conjunto com preceitos teóricos aqui estudados, torna-se visível a hierarquia que apontamos anteriormente, entre o que Fry (1982) chama de “bicha” ou “afeminado e o “macho”. Essa hierarquia é materializada no enunciado pela negação do corpo afeminado como um possível objeto de desejo, perceptível em todos os exemplos apresentados acima. Também percebemos, novamente, a tentativa de colocar a si distante desta posição de sujeito afeminado, já que existe um desejo de se colocar em uma posição superior nesta relação hierárquica. Como discutido, o afeminado é posto na figura da pessoa poluidora, e há a necessidade entre os usuários citados em análise de negá-lo como objeto de desejo, sendo, igualmente, preciso ter esse governo de si para também não se colocar na figura do afeminado.

Contudo, assim como afirmado anteriormente, apesar de a figura do afeminado não aparecer como sujeito do discurso neste estudo, ela é recorrente nos discursos de outros sujeitos que, ao buscarem se distanciar dessa figura, revelam sua existência e sua posição como resistência a esse poder que age sobre os sujeitos masculinos, sobre seus corpos e suas subjetividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, utilizando a “caixa de ferramentas” disponibilizadas pelo filósofo Michel Foucault (1990;2008;2013), foi possível que analisássemos os

enunciados que circulam no aplicativo de relacionamento *Grindr*. Além disso, seus preceitos teóricos, combinados com os *prints* de perfis públicos de usuários do aplicativo, possibilitaram a reflexão sobre os sujeitos do discurso que realizam esses enunciados, sobre os discursos que os perpassam garantindo sua realização e quais são as verdades ali propagadas.

Partimos de perspectivas desenvolvidas pelos teóricos *queer* sobre sexualidade e gênero, tendo em vista que são categorias que dialogam entre si e estão inter relacionadas. Neste sentido, percebemos as disputas entre os diferentes discursos sobre o poder e a reprodução da verdade cis heteronormativa compulsória.

Podemos afirmar que dentro das redes sociais voltadas ao relacionamento de sujeitos gays e bissexuais também estão presentes as mesmas relações de poder de dominação e submissão entre sujeitos heterossexuais e homossexuais na sociedade. Esses jogos de poder refletem a realidade à medida que alguns sujeitos, como os “afeminados” e “não machos”, são rejeitados e excluídos por se distanciar das normas de aparência, comportamento e individualidade ditadas pela lógica dominante.

Ao mesmo tempo, vimos que, apesar de negados, os homens que não são “de verdade”, “machos” e “ másculos” ainda são lembrados e fundamentais para a reafirmação da superioridade dos “homens com H maiúsculo”. Dessa maneira, a sua própria rejeição e seu exílio à posição de não-desejados faz dos “homens com h minúsculo” (os afeminados e divergentes dos padrões ditados pelos homens que se dizem superiores) existirem e resistirem.

REFERÊNCIAS

AFEMINAR. In: **Dicionário Michaelis On-line**. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=7pkl#:~:text=1%20Perder%20ou%20fazer%20perder,as%20mulheres%20afeminou%20o%20garoto.&text=3%20Apresentar%20comportamento%20semelhante%20ao,que%20cultivava%20afeminou%20sua%20conduta>. Acesso: 15 de maio de 2021.

BUTLER, Judith. **PRECARIOUS LIFE: The powers of mourning and violence**. Verso, New York, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CFP. **Conselho Federal de Psicologia**. Transexualidade não é transtorno mental, oficializa OMS. 25 mai. 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/#:~:text=A%20informa%C3%A7%C3%A3o%20j%C3%A1%20havia%20sido,como%20%E2%80%9Cincongru%C3%A4ncia%20de%20g%C3%A4nero%E2%80%9D>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

FOUCAULT, Michael. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 6a ed, 2008.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 13a ed, 1999.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ª ed, 2013.

FRY, P. **Da hierarquia à igualdade**: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982

KRONKA, Gabriela Z. **A Encenação do corpo**: o discurso de uma imprensa (homo) erótico-pornográfica como prática intersemiótica. Tese apresentada ao Departamento de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2005.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Versão disponível no kindle.

OS AUTORES

João Vitor Xavier dos Santos possui graduação em Letras Inglês/Português pela Universidade Estadual de Maringá (PR) (2021). Tem como ênfase de seus estudos a Análise do Discurso de linha francesa por um viés foucaultiano, fazendo diálogo entre essa vertente analítica e a Teoria Queer.

Fernanda Favaro Bortoletto possui graduação em Letras Inglês/Português pela Universidade Estadual de Maringá (PR) (2021) e Mestrado em Letras – Estudos Literários pela mesma universidade (2023). Atualmente é doutoranda em Estudos Literários, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá, na linha de pesquisa Literatura e construção de identidades. A ênfase de seus estudos está nos estudos de identidade de sujeitos diaspóricos e nos estudos Pós-Coloniais.